

SG

mag

Nº 2 | Abril 2017 | ISSN 2183-95



O MAR DE ROSA

Novas edições

NINGUÉM LEVA A MAL

TORRENTE DE PAIXÕES

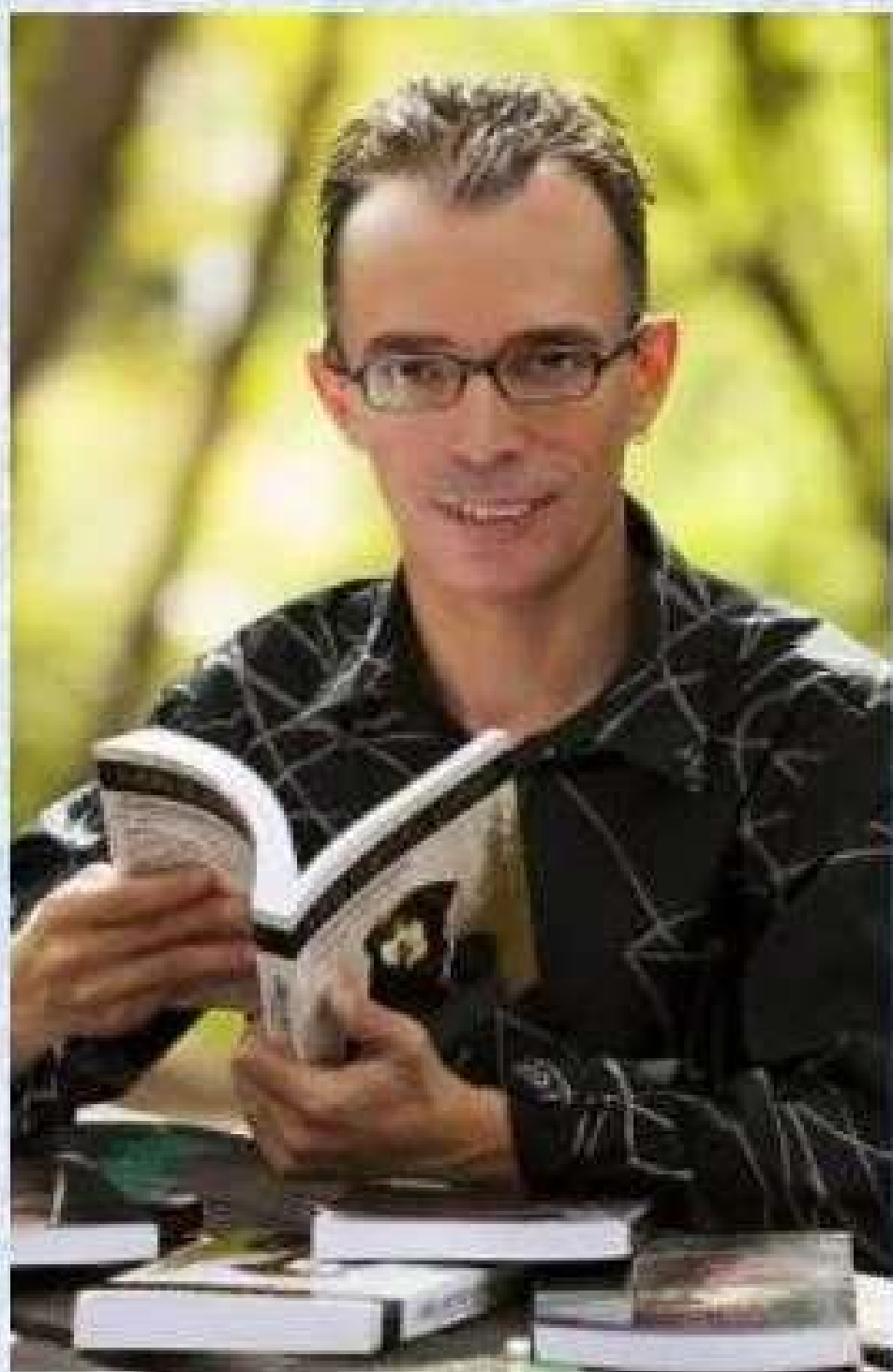
SALOIOS & CAIPIRAS

SEXTA-FEIRA 13

MAR EM MIM

ROSA MARQUES





Isidro Sousa

Editor da SG Mag

sg.magazin@gmail.com

<https://issuu.com/sg.mag>

EDITORIAL

Apresentamos o segundo número desta revista literária, uma publicação Sui Generis ao dispor de toda a lusofonia. A presente edição da SG MAG dá especial atenção à autora madeirense Rosa Marques, que reside na ilha de Porto Santo, destacando-se ainda a entrevista do editor Paulo Lobo, responsável pela Euedito, e vários livros editados.

Desde já agradecemos todas as contribuições que tornaram possível esta edição, que inclui também artigos de opinião, crónicas, contos literários, poesia, entre outros conteúdos, e contamos com a vossa colaboração na sua divulgação.

Recordo que este Magazine Literário é composto por entrevistas, crónicas, reportagens, artigos de opinião, biografias, crítica literária, poesia, excertos de livros, contos ou outros textos de ficção, e disponibiliza igualmente espaço para outras artes: portfólios de fotografia, pintura, desenho, etc.

Se deseja colaborar com a SG MAG, ou publicitar o seu livro (ou algum evento, espaço ou serviço), contacte-nos por email. Boas leituras, e até à próxima edição!



SG MAG – Magazine Literário

Ano 1 – Edição Nº 2 – Abril/Junho 2017

Editor e Director: Isidro Sousa

Periodicidade: Trimestral

ISSN: 2183-9573

Redacção e Publicidade: sg.magazin@gmail.com

Endereço na Internet: <https://issuu.com/sg.mag>

Colaboração nesta Edição: Ângela Caboz, Darlan Zurc, Deise Zandoná Flores, Diamantino Bártole, Elicio Santos Nascimento, Ernesto Moamba, Estêvão de Sousa, Guadalupe Navarro, Isaac Soares de Souza, Isabel Martins, Isidro Sousa, Jeracina Gonçalves, Jonnata Henrique, Lia Molina, Lucinda Maria, Manuel Amaro Mendonça, Marcella Reis, Maurício Cavalheiro, Paulo Galheto Miguel, Rafa Goudard, Ricardo Solano, Sandra Boveto, Suzete Fraga, Tânia Tonelli.

Os textos publicados são da exclusiva responsabilidade dos autores que os assinam; os conceitos emitidos pelos autores não traduzem necessariamente a opinião da revista.



DARLAN ZURC

Escritor, professor e historiador, participante da 24.ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo (2016), coautor de antologias como Céus de Chumbo (Andross, 2016) e considerado pelo jornal brasileiro Folha de S. Paulo como “muito crítico”.

Páginas do Autor:

www.darlanzurc.com

www.facebook.com/darlanzurc

E-mail: darlanzurc@darlanzurc.com

CRÓNICA

LÉ COM LÉ, CRÉ COM CRÉ

“Os computadores farão tudo, até sexo. Presume-se. A lâmpada acenderá quando a temperatura diminuir e servirá canapés com carne de baleia. Queimou-se alguma peça? Um sistema de circuitos avisa a uma central, que enviará um ciborgue, o qual fará a troca. O carro voador pifou? Não tem problema: máquinas de recolhimento e reparo, tipo posto de gasolina, existirão em quase todas as esquinas. Seriam pontos de apoio avançadíssimos. Neles, encontraríamos propulsores fantásticos, geradores microscópicos, pílulas instantâneas com antiferrugem para os motores, etc.”

POR DARLAN ZURC

Se os objetos inanimados falassem, metade dos problemas do mundo estaria resolvida. As benditas chaves avisariam aonde foram parar, o maldito controle remoto – ah!, o controle remoto – alertaria para ser encontrado, a geladeira de titânio inoxidável e autolimpante nos traria o almoço ou o jantar e tudo ficaria à disposição dos caprichos humanos.

Por outro lado, coisas como celular, portarretratos digital, relógio inteligente e até babá eletrônica já subiram na escala evolutiva, deixaram os outros objetos comendo poeira. Alguém inventou até a lixeira que se abre por meio de um sensor de presença e avisa quando está preenchida até a boca.

Imaginando que já chegou ao topo do imaginável, o terráqueo incauto não esperava pela chamada Internet das Coisas. A partir disso, não tem mais jeito. No mundo dominado pela Internet nesse nível, o ser humano virará um fantoche, um brinquedinho de luxo.

Os computadores farão tudo, até sexo. Presume-se. A lâmpada acenderá quando a temperatura diminuir e servirá canapés com carne de baleia. Queimou-se alguma peça? Um sistema de circuitos avisa a uma central, que enviará um ciborgue, o qual fará a troca. O carro voador pifou? Não tem problema: máquinas de recolhimento e reparo, tipo posto de gasolina, existirão em quase todas as esquinas. Seriam pontos de apoio avançadíssimos. Neles, encontraríamos propulsores fantásticos, geradores microscópicos, pílulas instantâneas com antiferrugem para os motores, etc.

Tudo será controlado, limpo, adstringente, antisséptico e indolor. Os seres humanos seriam recolhidos para uma colônia de experimentos. Nesse futuro cibernético, os humanos não cabem porque são muito instáveis e imprevisíveis. A bem da ver-

dade, são chatos.

Acontece que as máquinas superinteligentes começariam a mandar nas outras. Caixas de sapato, por exemplo, virariam capachos das canetas de raio laser com tinta inesgotável. As TVs moderníssimas estariam juntas com outros objetos no topo da hierarquia, a exemplo dos próprios celulares, naves interestelares, drones e coisas do gênero.

Não tardaria para que um surto conspiratório surgisse entre as parafernalias subjugadas. Talvez os humanos não fossem chamados, pois eles escravizariam as outras coisas, após encontrarem uma oportunidade, como fazem hoje em dia. Realmente, eles não são confiáveis para isso.

Mas, se os fracos não se unirem, a esculhambação continuará. Já se pode até imaginar caixas de fósforo discursando de modo inflamado para plateias frenéticas, isopores contradizendo a fala de uma planta amiga de sandálias cristãs ortodoxas e pedras de cascalho se unindo a arames farpados do sertão baiano de São José do Paiaí. Vai ser outra bagunça!

É preciso que os ânimos se desinflamem e os radicais se tranquilizem. Um acordo de paz é o melhor caminho para que a casa da mãe Joana seja arrumada. Que sejam eleitos os diplomatas para representar os interesses dos derivados do leite, do grupo dos eletrônicos, das frutas vermelhas e assim sucessivamente. Embora um acordo desse vá demorar centenas de milênios.

Bom seria se tudo estivesse como antigamente. Apesar dos descontentes, pelo menos o barulho não existiria, as intromissões eram menores. Ninguém ia ver parafuso dando tapa em vaso sanitário. Cada coisa em seu devido lugar. É como ensina o velho e sábio ditado: lé com lé, cré com cré. ■

É preciso que os ânimos se desinflamem e os radicais se tranquilizem. Um acordo de paz é o melhor caminho para que a casa da mãe Joana seja arrumada. Que sejam eleitos os diplomatas para representar os interesses dos derivados do leite, do grupo dos eletrônicos, das frutas vermelhas e assim sucessivamente.